

Edição v. 39
número 3 / 2020

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 39 (3)
dez/2020-mar/2021

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora

Podcast studies: an overview of the state-of-the-art in Brazilian radio and sound media research

LUANA VIANA

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: lviana.s@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-4927-5219.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 3, p. XXX-YYY, dez./mar. 2020.

Submissão em: 29/06/2020. Revisor A: 17/08/2020; Revisor B: 21/08/2020. Aceite em: 21/08/2020.

DOI – <http://doi.org/10.22409/contracampo.v39i3.43248>

Resumo

Este artigo pretende delinear como os estudos de rádio e mídia sonora abarcam questões relacionadas ao podcast, destacando algumas contribuições teórico-metodológicas dos pesquisadores da área. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos publicados nos anais dos principais eventos de comunicação do país que trazem a palavra podcast no título. No total, foram encontrados 34 trabalhos distribuídos entre os seguintes eventos nacionais: Alcar, Compós, Intercom e SBPJor. Como principais resultados, encontramos um processo de consolidação dentro dos estudos de rádio e mídia sonora acerca dos temas relacionados ao podcast, além de verificarmos que esse formato retrabalha diversas maneiras anteriores de expressão sonora em uma variedade de configurações que desafia uma definição única.

Palavras-chaves

Podcast; Rádio; Mídia sonora; Estado da arte.

Abstract

This article intends to describe how radio and sound media studies cover issues related to the podcast, highlighting some theoretical and methodological contributions of researchers in the area. Then, there was a bibliographic survey of articles published in the annals of the main communication events in the country that have the word podcast in the title. In total, 34 works were found distributed among the following national events: Alcar, Compós, Intercom e SBPJor. As main results, we found a consolidation process within the radio and sound media studies about the topics related to the podcast, in addition, we find that this format reworks several sound expression previous ways of in a variety of configurations that defy a single definition.

Keywords

Podcast; Radio; Sound media; State-of-the-art.

Introdução

Diversas pesquisas têm retratado o rádio em cenário de convergência nos últimos anos. Teses, dissertações e artigos acadêmicos são dedicados a explorar a fase contemporânea de um meio de comunicação centenário que ao longo de sua história se reinventa para acompanhar as demandas políticas, tecnológicas, econômicas e sociais de uma sociedade cada vez mais conectada.

O podcast é um formato que surgiu em 2004 e provém das expansões do rádio (KISCHINHEVSKY, 2016), demonstrando um vasto crescimento nos últimos anos. Uma pesquisa realizada pela *Volt Data Lab*¹, divulgada em agosto de 2019, revela que a produção dos 100 principais podcasts brasileiros cresceu em 200 vezes desde 2005, chegando a mais de 3.400 episódios publicados em 2018. Em comparação, os 100 principais podcasts nos Estados Unidos, maior país produtor e consumidor do formato, produziram cerca de 5.800 episódios no mesmo ano.

Uma das plataformas utilizadas para consumo desse tipo de áudio é o Spotify, que, segundo relatório próprio, dobrou sua audiência de podcast no segundo trimestre de 2019, período no qual registrou mais de 30 mil novos podcasts na plataforma globalmente.² Já uma pesquisa do *Podcast Stats Soundbites* aponta o Brasil como o segundo país que mais consome esse formato no mundo, registrando 110 milhões de downloads de episódios em 2018, ficando atrás apenas dos EUA que são, de longe, o maior mercado com mais de 660 milhões de downloads no mesmo período.³

Diante desse cenário expansivo, Couto e Martino (2018) realizaram um estudo para observar como o tema podcast vem sendo pesquisado na área de comunicação. Os autores analisaram 35 teses e dissertações defendidas entre 2006 e 2017 e, como principais resultados, encontraram que: 1) Não há um consenso a respeito do que é um podcast, e mesmo o nome é questionado em alguns trabalhos; 2) Nota-se o uso de metodologias clássicas como entrevistas ou análise de conteúdo, mas adaptadas às características das mídias digitais; e 3) o referencial teórico provém, sobretudo, de estudos de rádio e pesquisas sobre mídias digitais.

No entanto, sobre esse último apontamento, Couto e Martino (2018, p. 63) detalham que o referencial teórico “parece assinalar uma certa predominância de estudos voltados para o digital, deixando em segundo plano as questões que poderiam equiparar podcasts com formas mais tradicionais de mídias sonoras, em particular o rádio”.

Com base nessa perspectiva, nosso objetivo neste trabalho é delinear, então, como os estudos de rádio e mídia sonora abarcam questões relacionadas ao podcast a partir de seu modo específico de compreendê-lo. Além disso, destacamos algumas das contribuições teórico-metodológicas dos pesquisadores da área ao longo de seus estudos. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos publicados nos anais dos principais eventos de comunicação do país que trazem a palavra podcast no título.

A delimitação do corpus foi direcionada para as pesquisas relacionadas aos estudos de rádio e mídia sonora de 2004 – ano em que surge o primeiro podcast – até 2019. No total, foram encontrados 34 trabalhos distribuídos entre os seguintes eventos nacionais: Encontro Nacional de História da Mídia (Alcar); Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação⁴

1 Disponível em: <https://www.voltdata.info/conteudo/2019/estatisticas-de-podcasts>. Acesso em: 19 fev. 2020.

2 Disponível em: <https://newsroom.spotify.com/2019-07-31/spotify-reports-second-quarter2019-earnings/>. Acesso em: 19 fev. 2020.

3 Disponível em: <https://blubrry.com/podcast-insider/2019/02/01/podcast-stats-soundbite-brazil-bloom/>. Acesso em: 19 fev. 2020.

4 No evento da Compós não há um GT especificamente voltado para os estudos de rádio e mídia sonora, há apenas o de Música. Então, o levantamento foi realizado entre todos os GTs.

(Compós); Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom); e Encontro Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

A partir da delimitação do corpus, busca-se analisar os principais aspectos: 1) As definições de podcast construídas; 2) Os referenciais teóricos mais acionados (se voltados mais para mídias digitais ou mídias sonoras); 3) As metodologias utilizadas para os estudos; 4) Características apontadas; e 5) Palavras-chave indicadas. Dessa forma, será possível estabelecer um panorama das pesquisas e observar os cenários delineados até então.

Em busca de alguns delineamentos

Ao realizarmos o levantamento bibliográfico para esta pesquisa, constatamos que não há um autor chave para embasar a definição do conceito de podcast. Os autores ou baseiam-se nos primeiros pesquisadores a tratarem do tema, ou criam suas próprias delimitações do termo, sempre enfatizando as características desse fenômeno. No impasse de não haver uma definição única, as discussões permearam por outros caminhos, como veremos a seguir.

Quando surgiu, o podcast – produção atualmente marcada por sua essência sonora – fez pesquisadores questionarem sobre suas raízes radiofônicas e até sobre seu conteúdo base. Medeiros (2006, p. 6), um dos primeiros autores brasileiros a pesquisar sobre o tema, defendia que “o podcasting, ao contrário do que muitos pensam, não é uma transmissão de rádio (...) e, muito menos, um podcast não é um programa de rádio, no máximo, uma metáfora de um programa de rádio”. O autor via a produção e transmissão radiofônicas atreladas ao suporte, ao aparelho rádio, e por isso o conteúdo deveria ser irradiado, ou seja, o que é considerado rádio na visão do autor deveria ser transmitido através do ar e não por meios digitais.

Para além disso, Medeiros (2006) apontava características do podcast que são opostas às de um modelo de transmissão radiofônica tradicional:

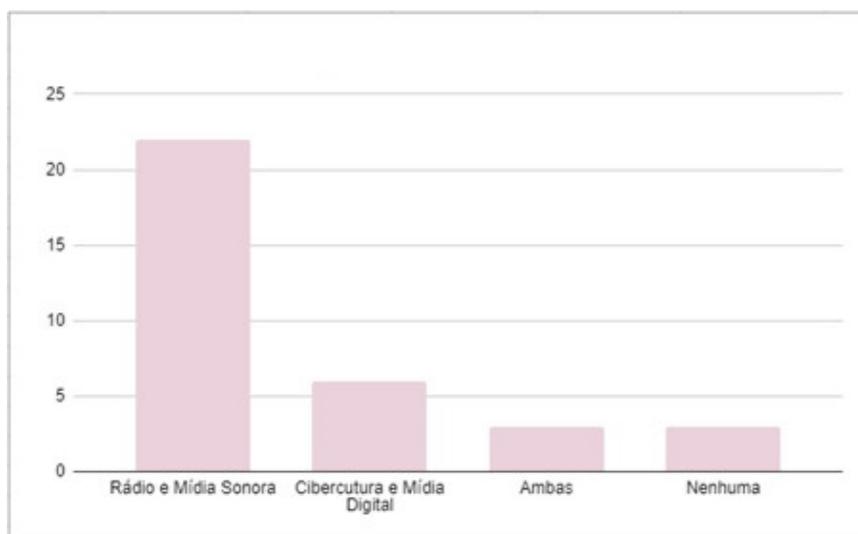
A começar pela forma de transmissão que, no rádio, é em fluxo, e no podcasting é por demanda. Depois o modo de produção que, no podcasting é descentralizado e, no rádio é centralizado e institucionalizado. E ainda, os modelos de podcast, que, como vimos, podem ser, no máximo, uma metáfora, uma referência aos programas de rádio. Ao contrário do rádio, o podcasting não é difundido em broadcasting (MEDEIROS, 2006, p. 9).

Alguns anos depois, Carvalho (2011, p.1) reconhecia que no podcast havia semelhanças com o rádio tradicional quando tratava-se do conteúdo sonoro. “Apesar da sua oposição ao meio radiofônico por sua forma de transmissão assíncrona, o podcast apresenta-se a partir da raiz do gênero radiofônico, tendo como base a sua linguagem, seus formatos e a mobilidade inaugurada por esse meio” (CARVALHO, 2011, p. 1).

Além do conteúdo sonoro, a autora também já refletia sobre os outros formatos agregados ao áudio no novo modelo de transmissão. Para ela, “o podcast é uma ferramenta de distribuição de conteúdo digital via internet, portanto, pode ser suporte também de vídeos, textos, imagens estáticas” (CARVALHO, 2011, p. 3). Em decorrência de seu caráter multimídia, as discussões sobre ser – ou não – rádio se acirram em torno do podcast. Reflexo disso são os embasamentos teóricos escolhidos pelos pesquisadores para delinear o fenômeno.

Um ponto que propomos observar ao longo dos estudos de podcast foi sobre os referenciais teóricos utilizados. Dos 34 artigos que encontramos, fizemos um levantamento observando se as reflexões usadas para explicar ou contextualizar o novo formato se embasavam mais na categoria de cibercultura e mídias digitais, de rádio e mídias sonoras, ou em ambas. Apresentamos abaixo um gráfico para ilustrar essas escolhas:

Gráfico 1 – Principais referenciais teóricos



Fonte: Elaborado pela autora

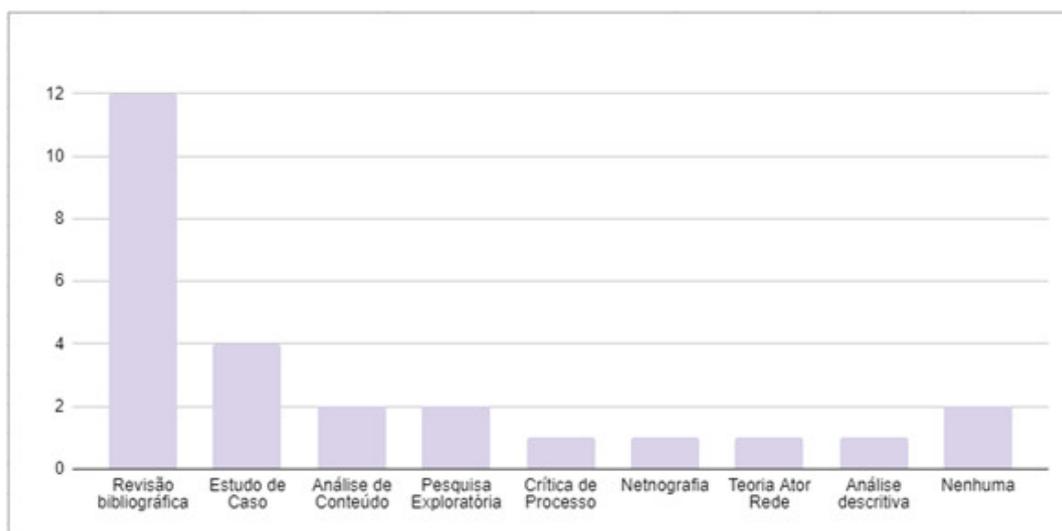
Com base no gráfico acima, podemos perceber como as referências amparadas nos estudos de rádio e mídias sonoras preponderam sobre as de cibercultura e mídias digitais. Dos 34 trabalhos previamente selecionados, 22 se baseiam na primeira categoria, enquanto seis na segunda. Em três artigos, as duas vertentes estão presentes, enquanto que outros três trabalhos não recorrem a nenhuma dessas perspectivas.⁵ Todos os trabalhos enquadrados na primeira coluna do gráfico assumem que o podcast está inserido num cenário de metamorfose protagonizado pelo rádio tradicional.

Vicente (2018, p. 12) defende que, “qualquer que seja a definição escolhida, o podcast refere-se a programas isolados e não a uma grade de programação, e sua relação com o ouvinte estabelece-se através da periodicidade de produção de novos programas: diária, semanal, quinzenal, mensal”. O autor reconhece que a tradição do rádio teve e tem uma importância fundamental na consolidação do podcast e na definição de sua identidade. Mas também acredita que “o podcast tem assumido formatos de produção e características próprias que o distanciam, em alguma medida, da linguagem radiofônica tradicional, afirmando-se como uma nova prática cultural” (VICENTE, 2018, p. 12).

Vistas as bases teóricas, ampliamos nosso olhar também para as metodologias utilizadas nos trabalhos em questão. Ao tratar sobre pesquisas contemporâneas relacionadas ao rádio e a mídia sonora, Kischinhevsky et al. (2015, p. 149) defendem que a expansão da apropriação radiofônica exige uma abordagem multimétodo, já que cada faceta do rádio – como produção, transmissão, linguagem etc – abrange diversas esferas e que “cada uma destas perspectivas traz consigo um arcabouço teórico-metodológico específico”. Optamos, então, por olhar para essa vertente e observar seus usos, sistematizando se as ferramentas foram usadas de forma isolada ou combinada, conforme nos mostram os quadros abaixo:

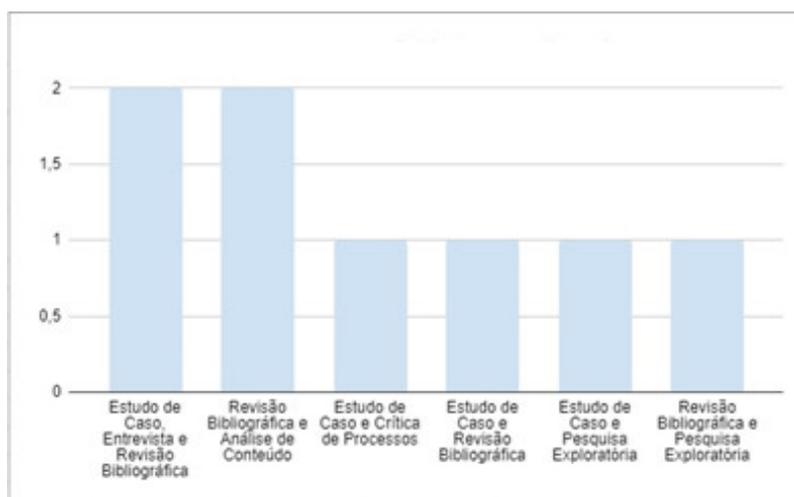
⁵ Os trabalhos que não recorrem a nenhuma das duas perspectivas não têm como foco contextualizar, explicar, nem amparar teoricamente o podcast.

Gráfico 2 – Ferramentas metodológicas usadas de forma isolada



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 3 – Ferramentas metodológicas usadas de forma combinada



Fonte: Elaborado pela autora

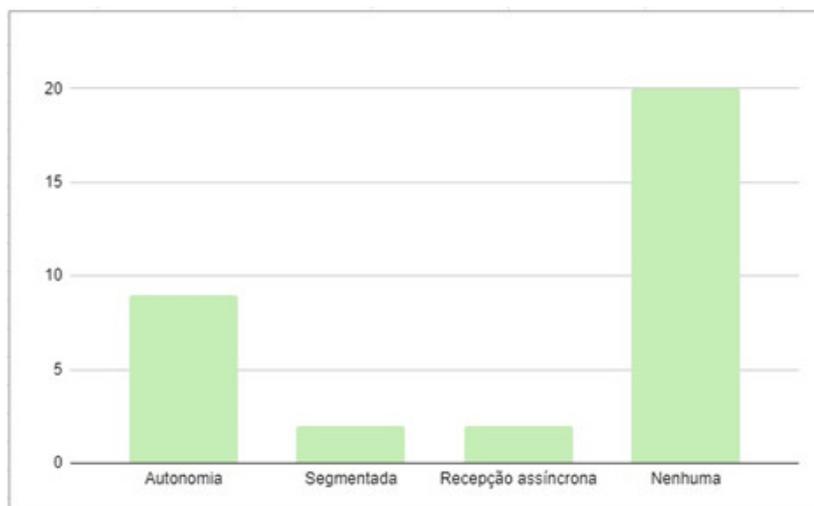
De acordo com os gráficos, percebemos que a revisão bibliográfica e o estudo de caso – combinados ou isolados – são as ferramentas metodológicas usadas mais frequentemente, talvez pelo caráter embrionário do podcast e pela escassez/ausência de métodos exclusivos. Como este formato é um fenômeno recente, é natural que algumas metodologias necessitem de adaptação para serem aplicadas.

Por outro lado, percebemos a recorrência de ferramentas convencionais, como análise de conteúdo, análise descritiva e pesquisa exploratória, por exemplo. Destacamos o uso da Teoria Ator Rede e da Netnografia, ferramentas voltadas para o meio digital que foram usadas por Porto (2012) e Benzecry (2012), respectivamente. Apesar de ambas recorrerem a estratégias metodológicas nativamente digitais, assim como o podcast de fato é, as autoras já reconheciam que este formato está inserido num processo de midiamorfose do rádio.

Características definidoras da mídia?

Com a ausência de uma definição única para o novo formato, como visto, os pesquisadores da área de rádio e mídia sonora buscam, ao longo dos anos, caracterizar essa mídia com base em suas peculiaridades. No decorrer dos 34 artigos analisados, os autores citaram diversas características dos podcasts. Sistematizamos essas aparições dividindo-as em três categorias: audiência, produção e transmissão. Primeiramente, apresentamos as características mais citadas em relação ao primeiro conjunto:

Gráfico 4 – Características da audiência



Fonte: Elaborado pela autora

Dos três grupos selecionados, *audiência* é o menos representativo, já que vinte trabalhos não mencionam suas características. Nele, a *autonomia* é a que mais se destaca dentre as demais peculiaridades, aparecendo em nove trabalhos, seguida por *segmentada* e *recepção assíncrona*, com dois trabalhos cada.

Para Carvalho (2011), essa autonomia – ou independência – ocorre pelo fato dos ouvintes poderem fazer download do arquivo de áudio para ouvirem quando e quantas vezes quiserem, não se limitando aos horários das programações como no rádio tradicional. Além disso, a escuta pode ser realizada da forma que quiserem, escolhendo a sequência e a velocidade de transmissão, além do dispositivo.

Isso pode significar a possibilidade de criação de produtos sonoros diferenciados, mais extensos ou de conteúdos mais densos, antes evitados no meio radiofônico, pois o momento e a forma de recepção/interação com o produto midiático são escolhidos de acordo com a disponibilidade e conveniência do ouvinte usuário (CARVALHO, 2011, p. 5).

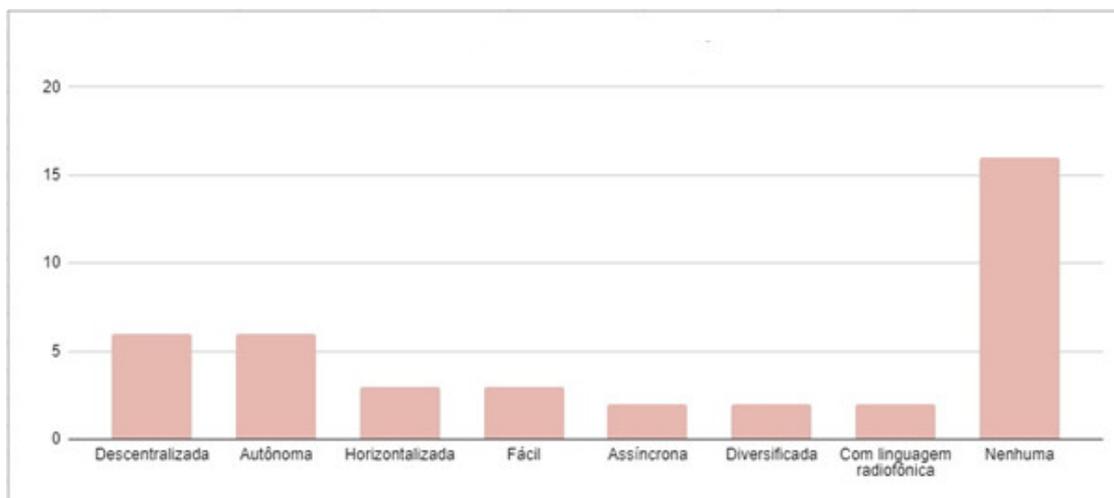
Nesse mesmo sentido, Salemme (2017) acredita que a chegada do podcast decreta de vez a individualidade do consumo de áudio. A essa mesma audiência cabem reflexões mais aprofundadas, já que ela aparece de forma reconfigurada nessa nova ecologia midiática, ocupando novos papéis.

Por meio da prática do podcasting, Herschmann e Kischinhevsky (2007) repensaram sobre o papel dos atores sociais no estabelecimento de formas inovadoras de mediação socioculturais, já que há produção de conteúdo por parte de comunicadores, mas também pelos consumidores. Dessa forma, a nova mídia poderia ser um recurso de mobilização acessível a fim de fortalecer atores sociais como protagonistas nesses processos de mediações.

A mesma autonomia que redefine essa audiência da mídia sonora também é uma das características mais presentes nos apontamentos sobre a produção de podcasts feitos pelos autores. Além da *autonomia*,

a produção *descentralizada* também aparece em seis trabalhos, seguida por *horizontalizada* e *fácil*, em três cada, e *assíncrona*, *diversificada* e *com linguagem radiofônica*, em dois artigos cada. Dezesesseis trabalhos não citam nenhuma característica:

Gráfico 5 – Características da produção



Fonte: Elaborado pela autora

Apesar do baixo número encontrado para “com linguagem radiofônica”, há autores que defendem sua utilização como base dessa nova mídia. Carvalho (2014), por exemplo, acredita que o conteúdo sonoro que compõe o podcast é marcadamente pautado pela linguagem radiofônica. Por outro lado, Murta (2016, p. 10) defende que “a linguagem do podcast se diferencia do rádio, exatamente, por permitir uma maior experimentação”. Como justificativa para tal afirmação, argumenta que

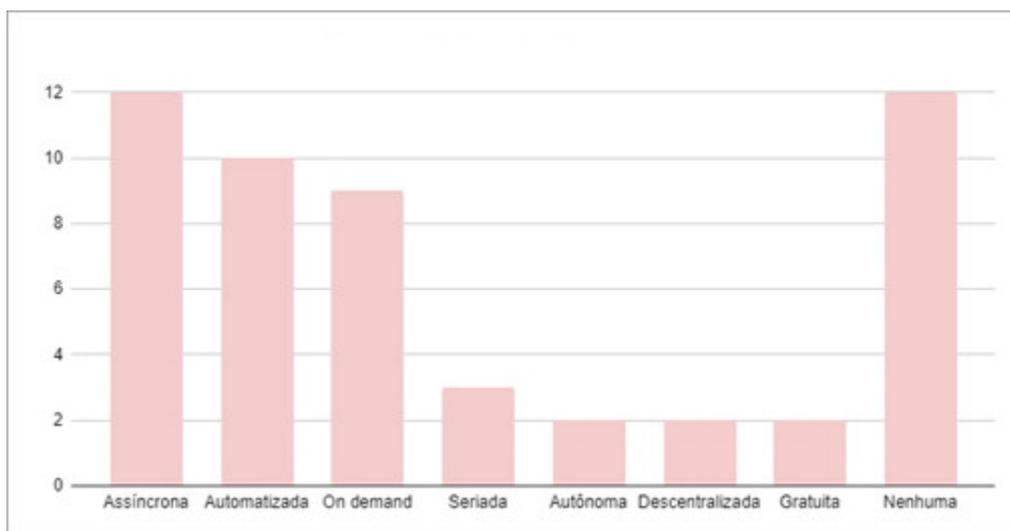
A linguagem do podcast abre espaço para experimentação de diferentes formatos e gêneros de programas sonoros como, por exemplo, a produção de relatos da vida cotidiana e comentários sobre fatos sociais ou a dramatização, que fez sucesso na era de ouro do rádio por meio das radionovelas, mas que foi gradualmente desaparecendo do dial das emissoras tradicionais (MURTA, 2016, p. 10).

Entretanto, a autora admite que “em alguns casos, os podcasters continuam utilizando os formatos e as linguagens antigas que remetem ao rádio, tais como locução e ritmo” (MURTA, 2016, p. 11). Ainda em relação à linguagem, Viana (2018) acredita que “as narrativas ficcionais têm suas histórias construídas com uma complexificação estética que retoma às grandes produções acústicas de radionovelas e radiodramas, formatos que têm sido recuperados pelo podcast”.

Considerando que ambas as mídias têm a linguagem sonora e radiofônica como base, acreditamos que a maior experimentação a qual Murta se refere ocorre muito mais pelo fato do podcast ser independente de emissoras, de suas grades de programação e de suas linhas editoriais, já que essa autonomia permite a liberdade de produção e não está necessariamente relacionada à linguagem. Em determinadas situações, o rádio também possibilita tal experimentação, como a própria autora exemplifica ao mencionar o que fez sucesso durante a era de ouro do rádio.

Em relação às transmissões, é nesse grupo de características que encontram-se algumas das principais discussões. Por exemplo: por não ser emitido em tempo real, Murta (2015; 2016) aproxima os podcasts a produtos fonográficos, e não radiofônicos. Sobre outras peculiaridades, encontramos os seguintes resultados:

Gráfico 6 – Características da transmissão



Fonte: Elaborado pela autora

Com base no gráfico, destacamos as três principais características da transmissão citadas nos trabalhos selecionados: *assíncrona*, com doze aparições, *automatizada*, com dez, e *on demand*, com nove. A primeira e a terceira estão diretamente relacionadas à autonomia do ouvinte, pois enquanto a transmissão assíncrona permite “ao usuário navegar de forma alinear pelo conteúdo sonoro, selecionando o que deseja ouvir dando saltos em sua escuta” (CARVALHO, 2011, p. 7), o caráter on demand representa a veiculação de assuntos que a própria audiência escolhe, resultando em “temas específicos para um público bastante segmentado” (MEDEIROS e PRATA, 2019, p. 2), por exemplo.

O caráter automatizado da transmissão está presente em amplas discussões por parte dos autores, e para alguns deles é o que define se uma mídia sonora em plataforma digital é ou não podcast. “Para ser considerado podcast, o conteúdo deve ser disponibilizado não apenas no site, mas também em feeds (agregadores) como o iTunes e o BeyondPod” (MURTA, 2016, p. 6). Já Bufarah (2017) acredita que

Há uma confusão sobre as formas de distribuição de arquivos. Muitas emissoras denominam de podcast conteúdos disponíveis em formatos on demand. Além desse fato, temos vários portais que denominam como rádio a possibilidade de montagem de uma playlist de músicas e a sua execução a partir de links disponibilizados em redes sociais. Com isso, levamos a uma situação comum em que muitas vezes se denomina “qualquer áudio” na rede como rádio (BUFARAH, 2017, p. 7-8).

O autor, então, diferencia o conceito de podcast do de audioblog. Para ele, o primeiro indiscutivelmente tem distribuição baseada no sistema RSS, enquanto “o segundo tem como foco um diário ‘on line’ feito em áudio e, necessariamente, não precisa ser indexado em RSS, uma vez que os usuários acessam o conteúdo diretamente na página do blog ou através de links nas redes sociais” (BUFARAH, 2017, p. 2-3).

A ferramenta denominada como *Real Simple Syndication*, ou RSS, permite atualizações automáticas dos episódios de podcasts. Esse sistema utilizado para distribuição dos arquivos está relacionado à ideia da transmissão automatizada. Baseando-se nisso, Vicente (2018, p. 4) explica que “a prática do podcasting em seu início estava ligada essencialmente à distribuição de arquivos de áudio na internet para posterior download e reprodução”. Por sua vez, Lopez e Alves (2019) relatam que essa lógica vem se alterando com a consolidação da modalidade, já que o formato apresentou mudanças em suas características básicas, como a distribuição e as suas dinâmicas de escuta:

As distribuições dos programas eram feitas por assinaturas de atualização de feed pela lista de distribuição de RSS. Ou seja, o usuário se inscrevia em uma lista online e, a cada atualização feita pelos produtores, ele recebia o programa para fazer o download em seu computador ou reproduzidor de áudio. Atualmente, o sistema de RSS ainda é disponibilizado, porém agregadores de podcast e serviços de streaming facilitaram o acesso, a escuta, o consumo e a distribuição desses programas (LOPEZ e ALVEZ, 2019, p. 4).

Acreditamos que a transmissão automatizada do podcast é um dos fatores que contribuíram para a expansão dessa mídia. Entretanto, essa popularização é algo recente, pois no passado alguns autores (MEDEIROS, 2005; SAAR, 2013) sistematizaram pontos que eram considerados empecilho para essa expansão. Medeiros (2005) acreditava que algumas falhas rodeavam o podcast por se tratar de uma inovação recente à época. Eram elas a banda larga, os dispositivos restritos e a qualidade de produção.

A primeira refere-se à baixa velocidade das conexões na internet, o que dificultava a transferência e transmissão dos arquivos sonoros. Os dispositivos eram restritos, pois eram de difícil acesso para a população. Recentemente, com a popularização dos smartphones, o cenário mudou. Por fim, o autor aponta a qualidade de produção como a terceira falha, já que “muitas vezes os produtores são amadores e não dominam a arte da gravação de áudio” (MEDEIROS, 2005, p. 10).

Alguns anos depois, Saar (2013, p. 12) também vai discorrer sobre alguns fatores que acreditava ser empecilhos para a popularização dos podcasts:

- 1) Falta de interesse que o brasileiro teria por ouvir rádio, o que se expandiria ao podcast;
- 2) Ouvir podcast daria trabalho, afinal era necessária uma boa banda para que fosse possível o download do arquivo;
- 3) Criar um podcast daria mais trabalho ainda, tanto pela produção, qualidade do áudio, quanto para postar o conteúdo na web;
- 4) A manutenção de assuntos relevantes também poderia minimizar o interesse das pessoas por esse formato, afinal, segundo a autora, as pessoas estão constantemente buscando coisas novas.

Recentemente, o cenário mudou, já que a base tecnológica sofreu alterações bastante significativas. “Em primeiro lugar, a popularização dos smartphones e de outros recursos de acesso à internet móvel, associada ao aumento de sua velocidade, levaram a uma mudança da lógica do download para a do streaming” (VICENTE, 2018, p. 4). Com isso, a prática do download passou a coexistir com a opção da escuta online do episódio, podendo ser acessado a partir de um computador ou smartphone.

Benzecri (2012, p. 4) aponta razões que também contribuíram e contribuem para a popularização da prática do podcasting. São elas: a autonomia do ouvinte, já que ele “deixou de ficar esperando pelo conteúdo que lhe interessa, para ir direto ao ponto e ouvir apenas o que lhe convém, a hora que bem entender”; as possibilidades de interação com a inversão das posições de emissor e receptor; e seu processo de automatização dos downloads por meio dos programas de gerenciamento de arquivos sonoros.

Passadas as discussões que rodeiam as definições e características desse meio, além dos referenciais e metodologias utilizados nos trabalhos selecionados, a próxima etapa desta pesquisa é apresentar algumas contribuições encontradas para a área de rádio e mídia sonora.

Algumas contribuições teórico-metodológicas

No início de 2005, uma pesquisa pelo termo *podcasting* no Google contabilizava cerca de 1.170.000 resultados em toda a web (MEDEIROS, 2006). Atualmente, ao realizarmos a mesma busca, temos como desfecho aproximadamente 32.800.000 resultados.⁶ A expansão atingiu produções, produtores e

6 Pesquisa realizada em 31 de maio de 2020.

ouvintes dessa mídia. Conseqüentemente, essa evolução nos números engloba, inclusive, quantitativa e qualitativamente a produção acadêmica acerca do tema.

Com base nisso, nossa pesquisa exploratória resultou em alguns pontos importantes a serem destacados que contribuem para trilhar um caminho de consolidação tanto de teorias quanto de metodologias relacionadas ao podcast na área de rádio e mídias sonoras. Optamos por não seguir uma ordem cronológica nas apresentações, já que algumas perspectivas foram atualizadas e/ou complementadas ao longo do tempo.

Nos primeiros anos do surgimento do podcast, Medeiros (2006) propôs uma classificação dessa mídia em quatro modelos:

- 1) Metáfora – possui características semelhantes a um programa de rádio de uma emissora convencional (dial), com os elementos característicos de um programa como: locutor/apresentador, blocos musicais, vinhetas, notícias, entrevistas etc;
- 2) Editado – As emissoras de rádio editam os programas que foram veiculados na programação em tempo real, disponibilizando-os no seu site para serem ouvidos a posteriori pelo ouvinte que “perdeu a hora do programa”;
- 3) Registro – são também conhecidos como “audioblogs”. Este modelo, segundo o autor, é o mais curioso e possui temas muito diversos;
- 4) Educacionais – Através desse modelo de podcast é possível disponibilizar aulas, muitas vezes em forma de edições continuadas, semelhantes aos antigos fascículos de cursos de línguas que eram vendidos nas bancas de revistas.

Este último modelo mencionado por Medeiros (2006) teve uma expansão significativa em meio a podosfera, o que chamou a atenção de Viana e Chagas (2019). Os autores propuseram, então, uma categorização do conjunto de temas presentes na área educativa a partir de uma análise de conteúdo em um agregador de podcast, o CastBox.⁷ Foram apontadas 18 modalidades⁸ de podcasts na categoria educação, e os autores constataram que, neste âmbito, “o rádio expandido retoma ambições da fase da multiplicidade da oferta voltada ao podcasting na produção educacional” (VIANA E CHAGAS, 2019).

Independentemente dos formatos de gênero midiático aos quais essa nova mídia pode se amparar, Avelar et al. (2018) propõem uma revisão sistemática da literatura sobre o termo podcast até o ano de 2017 e encontram três principais vertentes a serem observadas. São elas: 1) Os dados levantados relacionam o podcast a três áreas principais: educação, saúde e rádio; 2) A pesquisa aponta que o artigo *Will the iPod kill the radio star? Profiling podcasting as radio*, de Berry (2006), inaugura as discussões sobre a natureza do podcast, sendo o pioneiro no assunto; e 3) A pesquisa também retrata que há dois principais temas emergentes nos estudos sobre podcast: mídia social e participação política.

As formas como os podcasts se sustentam financeiramente e como constituem-se como modelos de negócio também são assuntos tratados pelos pesquisadores de rádio e mídia sonora. Para Salemme (2018), as formas para rentabilizar um podcast são variadas e enumera três, sendo elas: 1) Patrocínio; 2) Exploração da marca como produto; e 3) Apadrinhamento (doação por meio de sites de contribuição coletiva). Este último modelo também é conhecido como financiamento coletivo, e, sobre ele, Medeiros e Prata (2019, p. 8) afirmam que “o mercado de podcasting encontrou nesse tipo de financiamento um modo de manter a produção e a qualidade dos conteúdos veiculados periodicamente, já que as colaborações também são periódicas”.

Investigações sobre as construções narrativas dos podcasts constituem outra vertente observada aqui nesta pesquisa. Kischinhevsky (2017) apresenta uma caracterização do radiojornalismo narrativo,

⁷ Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=fm.castbox.audiobook.radio.podcast&hl=pt_BR. Acesso em: 04 abr. 2020.

⁸ São elas: Aperfeiçoamento Profissional, Comportamento, Cultura/Sociedade, Direito, Divulgação Científica, Educação Canina, Educação Financeira, Ensino de Idiomas, Filosofia, História, Informativo, Infoteniamento, Palestras, Política/Ciência Política, Português, Preparatórios, Religiosos e Sociologia.

formato que está presente em amplas produções de podcasts em nível internacional há algum tempo e que recentemente começou a ser produzido no Brasil com mais frequência, apontando certos fios condutores:

Em linhas gerais, investem na apuração em profundidade, ouvindo extensamente as fontes escolhidas e recorrendo à ilustração destes personagens em diversos momentos dos episódios, sem a restrição de tempo das sonoras usadas no radiojornalismo convencional – raramente superiores a 30 segundos de duração. Os mais populares abordam crimes ou envolvem investigações marcadas por controvérsias, sempre histórias reais que tiveram alguma cobertura da imprensa, mas não com a devida profundidade (KISCHINHEVSKY, 2017, p. 10).

Além das características apontadas, ao olharmos para essa produção narrativa em podcasts, o autor acredita que “ganha contornos um novo formato de radiojornalismo, tributário dos tradicionais radiodocumentários, mas caracterizado pela produção seriada, com ganchos que remetem à radiodramaturgia embora se apoiem fundamentalmente em conteúdo de caráter informativo” (KISCHINHEVSKY, 2017, p. 12).

Essas produções narrativas em podcasts voltadas para o jornalismo têm protagonizado a criação de novos produtos. Para Lopez et al. (2018, p. 4) “a junção de potencialidades tecnológicas proporciona experiências imersivas pela tecitura de uma narrativa radiofônica complexificada associada à transmidialidade dos meios e à convergência das mídias”. Ou seja, mantendo o áudio como formato principal, o podcast tem a potencialidade de desenvolver narrativas transmídia por meio de narrativas secundárias distribuídas por outras plataformas.

Também ancorada neste conceito de radiojornalismo proposto por Kischinhevsky (2017), Viana (2019) apresenta apontamentos sobre o uso do storytelling para podcasts que se enquadram neste formato narrativo. A autora acredita que algumas “características provenientes do rádio contribuem para potencializar o uso do storytelling em narrativas de podcasts” (VIANA, 2019, p. 8). Dentre as quais, aponta: 1) A sua essência baseada na linguagem sonora, que recorre frequentemente à descrição dos fatos, lugares e pessoas; 2) O caráter sinestésico da narrativa radiofônica; e 3) O interesse por histórias humanizadas.

Além dessas, a autora relata as peculiaridades do próprio formato podcast para o uso dessa técnica em suas narrativas: 1) Pode possuir produções atemporais; 2) O caráter seriado; e 3) Por não ter um tempo de produção controlado por uma grade de programação, podem-se utilizar várias sonoras para dar vida aos personagens, recorrendo às próprias vozes e depoimentos dos envolvidos.

Sobre essa penúltima característica, o caráter seriado proporcionado pelo podcast, Lopez e Alves (2019) apontam caminhos metodológicos para análise de produções que possuem tal peculiaridade. Com base em Arlindo Machado (2000), os autores apresentam três categorias para compreender como a narrativa seriada pode se manifestar no podcast: 1) Em capítulos; 2) Em episódios seriados; e 3) Em episódios unitários.

Além disso, Lopez e Alves (2019) consideram as novas dinâmicas de produção, de circulação e de consumo de rádio como parte fundante da delimitação metodológica proposta. Especificamente no que diz respeito aos podcasts narrativos, os autores propõem como eixos de análise as delimitações primeiras do fenômeno: a) seu caráter narrativo seriado; b) seu caráter; e c) sua composição acústica. Assim, veem na própria serialização o fio norteador das delimitações metodológicas.

Vistas as considerações sobre as narrativas jornalísticas, há também contribuições para as ficcionais. Viana (2018) realiza um estudo sobre o uso do áudio binaural e propõe uma categorização dividida em três eixos para a construção de narrativas imersivas:

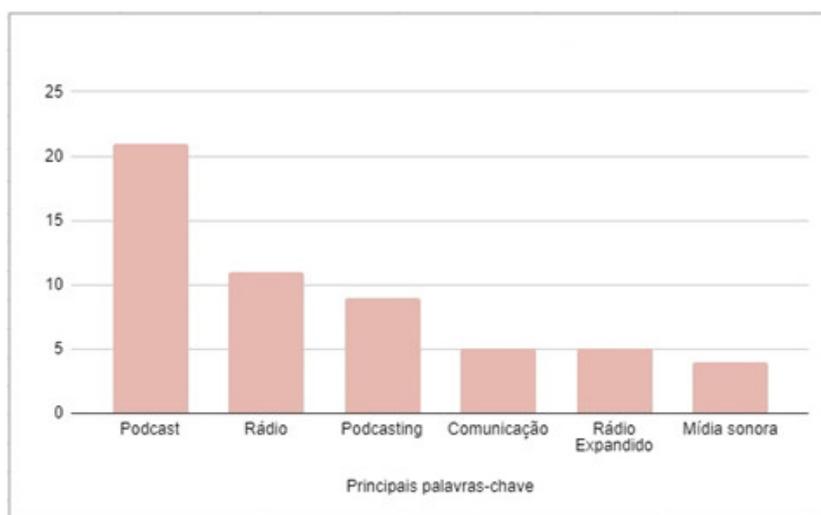
- 1) Na voz dos personagens – usado para localizar espacialmente de onde vem a fala (quem está próximo/distante de quem; quem está mais próximo/distante do ouvinte; quem está mais próximo/distante da ação);

- 2) Na ação sonora – usados nos efeitos sonoros que definem ações dos personagens (quem está fazendo o que; e se a ação ocorre próxima/distante do ouvinte);
- 3) No cenário sonoro – usado para situar o ouvinte no ambiente em que a narrativa se desenrola com efeitos sonoros que caracterizam aquele local (onde os personagens estão; qual a condição do tempo – ambiente externo/interno; manhã/tarde/noite; chuva/vento).

Com base nesses apontamentos, Viana (2018, p. 4) acredita que “podcasts que utilizam o áudio binaural como estratégia para a construção de narrativas imersivas propiciam a recuperação do ambiente acústico como efetiva possibilidade de experimentação estética”.

Após apresentarmos algumas contribuições teórico-metodológicas, olhamos para o conjunto de palavras-chave usado pelos autores em todos os 34 artigos levantados, assim, podemos visualizar os contextos nos quais as pesquisas estão inseridas. No total, foram acionadas 80 palavras diferentes, sendo que 17 apareceram pelo menos duas vezes. E é pra elas que olharemos neste momento.

Gráfico 7 – Principais palavras-chaves usadas em pesquisas sobre podcast



Fonte: Elaborado pela autora

No gráfico acima foram destacadas as seis palavras que mais aparecem nos trabalhos. *Podcast* está presente em vinte e um, *Rádio* em onze, *Podcasting* em nove, *Comunicação* e *Rádio Expandido* em cinco cada, e *Mídia sonora* em quatro. As outras onze têm duas aparições cada. São elas: Ciberespaço; Conteúdo; Convergência Midiática; Cultura Participativa; Financiamento Coletivo; Metodologia; Midiamorfose; Ouvinte; Produção Radiofônica; Radiojornalismo; Webradio. Com base nos dados descritos, podemos observar algumas das vertentes mais abordadas, além dos aparatos teóricos utilizados pelos pesquisadores quando olham para o fenômeno podcast.

De maneira geral, quando comparamos todos os dados levantados por essa pesquisa com os resultados encontrados no estudo de Couto e Martino (2018), que olhavam para pesquisas gerais da área de comunicação e não apenas para a linha de rádio e mídia sonora, também constatamos que não há um consenso a respeito do que é um podcast.

Além disso, encontramos as seguintes ponderações: 1) Pesquisadores precisam investir em propostas metodológicas voltadas especificamente para a mídia sonora – e esse ponto já vem sendo discutido em outras oportunidades por outros autores (KISCHINHEVSKY et al., 2015; MEDITSCH e BETTI, 2019); 2) O referencial teórico utilizado provém majoritariamente de estudos de rádio; e 3) Inicialmente, as pesquisas eram voltadas a discutir se podcast era ou não rádio. Atualmente, o foco está principalmente nas possibilidades narrativas e formas de financiamento dessa mídia.

Dessa forma, acreditamos que estamos em processo de consolidação dentro dos estudos de rádio e mídia sonora acerca do formato podcast no que tange à compreensão de que essa nova mídia está amparada num processo de metamorfose radiofônica. Com base nisso, verificamos que esse formato retrabalha diversas maneiras anteriores de expressão sonora, em uma variedade de configurações que desafia uma definição única, mas que por esse mesmo motivo é classificado como um meio fortemente marcado por sua hibridez, como de fato são aqueles amparados pelos meios digitais.

Considerações finais

Neste cenário observado, que objetiva um pequeno panorama sobre o estado da arte de pesquisas brasileiras, refletimos sobre a busca pela definição dessa nova mídia, sistematizamos as principais características que a compõem, apresentamos algumas das principais contribuições teórico-metodológicas relacionadas à área e, por meio das palavras-chaves mais utilizadas, mostramos vertentes que cercam os estudos sobre podcast.

O levantamento realizado nos apresenta uma seleção considerável a ser observada: 34 pesquisas que percorrem ora caminhos semelhantes, ora diferentes. E são ambas as vertentes que nos apresentam as constatações deste estudo. Em meio aos resultados, identificamos que apenas três trabalhos não abordam nenhuma perspectiva teórica, apostando no podcast apenas como um objeto isolado. Por outro lado, os outros 29 constroem um percurso amparado em teorias diretamente dialogadas com o objeto, oscilando entre as áreas da cibercultura e mídias digitais e do rádio e mídias sonoras.

A interseção entre essas duas áreas justifica em partes a dificuldade encontrada pelos autores por uma definição única do que se compreende por podcast. A hibridização que compõe esse formato é característica dos meios digitais e suas constantes transformações reforçadas pela cultura da convergência, o que nos revela a um objeto plural. Sem que haja pretensão pela busca de uma única interpretação, o que reforçamos aqui são as variadas discussões geradas em torno dessa procura, o que resultam em uma gama de produções com olhares diversos e plurais para o podcast.

Alguns desses olhares retomam as mesmas dificuldades encontradas em pesquisas relacionadas ao rádio, como a escassez de metodologias próprias que deem conta do caráter sonoro do objeto em questão. Entretanto, dos 34 trabalhos, apenas dois não indicam o uso de ferramentas metodológicas, o que demonstra certo amadurecimento dos autores no desenvolvimento de pesquisas científicas de rádio e mídia sonora inseridas no campo da comunicação, já que em outra oportunidade Kischinhevsky et al. (2015) apontaram que num levantamento com 570 artigos apresentados pelo Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom – entre 2000 e 2015 –, 38,5% não indicavam o uso de nenhuma metodologia.

Ainda assim, reiteramos que, com base nos dados demonstrados, acreditamos que há muito o que se caminhar em relação às metodologias voltadas para essa nova mídia. Também destacamos que se quando este fenômeno surgiu as discussões que o permeavam eram se o formato se enquadrava ou não numa vertente radiofônica, na atualidade, as reflexões giram em torno das suas potencialidades e complexidades narrativas.

Somado a isso, acreditamos que se no início o olhar era voltado para o caráter multimídia do podcast e ancorado nos estudos da cibercultura e das mídias digitais, o ponto chave das discussões atuais é o áudio e a sua linguagem radiofônica. Mesmo com esse novo caminho delineado, o foco dos pesquisadores, de maneira geral, sempre foi as características dessa nova mídia, fato que tem proporcionado experimentações práticas e teóricas, além de resultar em novos olhares e novas perspectivas para um fenômeno que tem suas raízes no rádio tradicional.

Referências

AVELAR, Kamilla; PRATA, Nair; MARTINS, Henrique. Podcast: trajetória, temas emergentes e agenda. **Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade da Região de Joinville, 2 a 8 de setembro de 2018.

BENZECRY, Lena. Netnografando o “samba de raiz”: O que dizem podcasters que pretendem divulgar este gênero musical mundo afora? **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade de Fortaleza, 3 a 7 de setembro de 2012.

BERRY, Richard. **Will the iPod kill the radio star? Profiling podcasting as radio**, *Convergence*, v. 12, n. 2, p. 143-162, 2006.

BUFARAH, Álvaro. Podcast: possibilidades de uso nas emissoras de rádio noticiosas. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Positivo, 4 a 9 de setembro de 2017.

CARVALHO, Paula Marques de. Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Católica de Pernambuco, 2 a 6 de setembro de 2011.

CARVALHO, Paula Marques de. Processo de Criação de Podcast: Análise dos Recursos Criativos do Nerdcast. **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, 2 a 5 de setembro de 2014.

COUTO, Ana Luíza S.; MARTINO, Luís Mauro Sá. Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). **Revista Rádio-Leituras**, v. 9, n. 2, p. 48-68, jul./dez. 2018.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Anais do XVI Encontro Anual da Compós**, Universidade Tuiuti do Paraná, 13 a 16 de junho de 2007.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; FERNÁNDEZ, Jose Luis; BENZECRY, Lena; MUSTAFÁ, Izani; CAMPOS, Luiza; RIBEIRO, Cintia; VICTOR, Renata. Desafios metodológicos nos estudos radiofônicos no século XXI. **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 4 a 7 de setembro de 2015.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo. **Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, Universidade de São Paulo, 8 a 10 de novembro de 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p. 2016.

LOPEZ, Debora Cristina; ALVES, João. Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. **Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Federal do Pará, 2 a 7 de setembro de 2019.

LOPEZ, Debora Cristina; VIANA, Luana; AVELAR, Kamilla. Imersividade como estratégia narrativa em podcasts investigativos: pistas para um radiojornalismo transmídia em In the Dark. **Anais do XXVII Encontro Anual da Compós**, PUC-Minas, 2 a 6 de junho de 2018.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério**. Editora Senac, São Paulo, 2000.

MEDEIROS, Macello Santos de. Podcasting: Produção Descentralizada de Conteúdo Sonoro. **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 5 a 9 de setembro de 2005.

MEDEIROS, Macello Santos de. Podcasting: Um Antípoda Radiofônico. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro**

de Ciências da Comunicação, Universidade de Brasília, 4 a 9 de setembro de 2006.

MEDEIROS, Rafael; PRATA, Nair. Mecenas via plataformas digitais: o financiamento recorrente como modelo de negócio para podcasting. **Anais do XII Encontro Nacional de História da Mídia**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 19 a 21 de junho de 2019.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Cristina Gobbi. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. **Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, Universidade Federal de Goiás (UFG), 6 a 8 de novembro de 2019.

MURTA, Cintia Maria Gomes. Podcast como ambiente de Discussão para Fãs: o caso do Podcasteros produzido por fãs brasileiros da série Game of Thrones. **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 4 a 7 de setembro de 2015.

MURTA, Cintia Maria Gomes. Podcast: conversação em rede. **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade de São Paulo, 4 a 7 de setembro de 2016.

PORTO, Adriana Corrêa Silva. Novas formas de comunicação sonora na cultura da convergência: os podcasts produzidos por fãs na narrativa transmídia. **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade de Fortaleza, 3 a 7 de setembro de 2012.

SAAR, Cláudia Maria Arantes de Assis. A utilização do podcast como forma de segmentação, colaboração e informação. **Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Federal do Amazonas, 4 a 7 de setembro de 2013.

SALEMME, Maria Filomena. A Era do Podcast: Uma reflexão sobre o potencial do mercado de podcast no Brasil. **Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade da Região de Joinville, 2 a 8 de setembro de 2018.

SALEMME, Maria Filomena. As transformações no comportamento do ouvinte: Da Era de ouro até a chegada da Era do podcast. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Positivo, 4 a 9 de setembro de 2017.

VIANA, Luana. Áudio Imersivo: Recurso Binaural na Construção de Narrativas em Podcasts Ficcionais de Drama. **Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade da Região de Joinville, 2 a 8 de setembro de 2018.

VIANA, Luana; CHAGAS, Luã. O legado de Roquette-Pinto em formato podcast: uma proposta de categorização da produção radiofônica on demand com viés educativo. **Anais do XII Encontro Nacional de História da Mídia**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 19 a 21 de junho de 2019.

VIANA, Luana. O Uso do Storytelling no Radiojornalismo Narrativo: Um Debate Inicial para Podcasting. **Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Federal do Pará, 2 a 7 de setembro de 2019.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. **Anais do XXVII Encontro Anual da Compós**, PUC Minas, 2 a 6 de junho de 2018.

Luana Viana é doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mestre em Comunicação e jornalista pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (PPGCOM/UFOP) e do Grupo de Pesquisa Laboratório de Mídia Digital (PPGCOM/UFJF).